

## Uma resenha de *Mobilidades da elite*

*A review of Elite mobilities*

João Freitas<sup>a</sup>

BIRTCHELL, Thomas; CALETRÍO, Javier (Ed.). *Elite mobilities*. Abingdon: Routledge, 2013. 270 p.

*Elite Mobilities*, editado por Thomas Birtchnell e Javier Caletrío, é o primeiro livro da série *Changing Mobilities*, da editora *Routledge*. A série, organizada por Monika Büscher e Peter Adey, tem como objetivo explorar as transformações na sociedade, na política e nas experiências diárias provocadas pelas mudanças nas mobilidades, e como as pesquisas podem dar respostas a tais transformações. Thomas Birtchnell, atualmente, é professor da Universidade de Wollongong, Austrália, e Javier Caletrío é pesquisador do Center for Mobilities Research (CeMoRe) da Universidade de Lancaster.

Ao longo do livro, a elite – à qual o título se refere – é também chamada de super-ricos, classe-alta, globais, entre outros nomes. Os editores, na introdução, optam pela tipologia de Eric Carlton (1996) e a chama de *os poucos*<sup>1</sup> (*the few*). Embora numericamente pequeno, sublinha-se o poder de influência desse grupo. As pesquisas com esses *poucos* costumam ser muito difíceis, como registram os editores:

Os *poucos* que compõem o tema deste livro não estão lá fora, esperando pacientemente por cientistas sociais se lembrarem de incluí-los em uma pesquisa por amostragem, testar o seu QI, ou pedir-lhes para preencher um questionário. Estes atores poderosos são pequenos em número, mas grande em termos de influência e seu poder se estende ao controle sobre os métodos de investigação utilizados sobre eles (p. 15, tradução do autor).

- 
- a Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais (PPHPBC) no Centro de Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) na Fundação Getúlio Vargas.
- 1 Opta-se por utilizar *poucos* (em itálico) para evidenciar a referência à tipologia de Eric Carlton e não gerar nenhum tipo de interpretação equivocada.

A despeito da dificuldade registrada, a maioria dos capítulos é construída a partir de pertinentes pesquisas empíricas. Além dos desafios inerentes aos *Mobile Methods* (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2011), as mobilidades se mostram como um ponto de vista privilegiado para demonstrar como o poder desse grupo é exercido e expressado no mundo.

Trata-se não somente de discutir a questão da mobilidade, mas encará-la enquanto um paradigma, cotejando suas múltiplas dimensões e ingerência na sociabilidade contemporânea. *Elite mobilities* se detém a analisar a mobilidade de alguns poucos sem, no entanto, negligenciar os impactos disso na vida de muitos outros: o regime de intensa mobilidade de poucos pressupõe a imobilidade de muitos.

Embora seja difícil sintetizar a ideia central de um livro, escrito por 18 colaboradores, os editores apresentam alguns pontos que são fundamentais para a compreensão do objetivo do livro e sua relevância para as pesquisas em Ciências Sociais. Os cinco pontos elegidos pelos editores são: “mobilidade como de costume”; estratificação; superinclusão; segredos; resquícios. A presente resenha utilizará esses cinco pontos como referência e tentará agrupar os artigos que compõem o livro por afinidades em suas perspectivas, reconhecendo a impossibilidade de aprofundar individualmente os debates apresentados.

## **MOBILIDADE COMO DE COSTUME**

Mobilidade como de costume (*mobility-as-usual*) se refere a maneira genérica que se encara a mobilidade, reduzindo-a ao transporte ou mobilidade corpórea (URRY, 2007). Mesmo nessa compreensão reducionista, mostra-se necessário refletir sobre as formas de locomoção da elite: estratificada, intensivamente global, altamente poluente e expansionista.

O capítulo 3, “Wealth Segmentation and the mobilities of the super-rich: a conceptual framework”, escrito por Jonathan V. Beaverstock e James R. Faulconbridge, explora a invisibilidade – jatinhos e helicópteros – e opulência – super iates e trens de luxo – dos meios de transporte dos multimilionários e bilionários. Os autores atentam para uma segmentação dentro dessa elite, evidenciando que há diferenças entre um milionário e Bill Gates, por exemplo, cuja fortuna é estimada em U\$ 61 bilhões. Para além da segmentação dos super-ricos, uma das principais contribuições deste capítulo é a reflexão acerca do quanto as mobilidades da elite são imbuídas de significados simbólicos e contribuem para a construção social do que seria o “normal”. Beaverstock e Faulconbridge reiteram Kaufmann *et al.* (2004) ao apontarem a mobilidade como uma forma de capital; no qual não só a

velocidade importa, mas a praticidade e flexibilidade em escolher rotas e gerenciar suas mobilidades de acordo com suas agendas.

No mesmo diapasão, Lucy Budd analisa no capítulo 5 – “Aeromobility elites: private business aviation and the global economy” – um segmento pequeno, porém valioso, da indústria do transporte aéreo: a aviação executiva. Novos discursos de conveniência, flexibilidade, velocidade, produtividade, conforto e *status* promoveram a aviação privativa como uma necessidade e alternativa racional em relação a formas mais convencionais de aeromobilidade.

Os editores do livro atentam a um ponto relevante: as infraestruturas são planejadas de acordo com a agenda dos *poucos* antes de considerar a necessidade da maioria da população. Há, nesse sentido, todo um aparato que envolve capital e poder político e que garante que essa elite se mova diferentemente que as demais pessoas.

## ESTRATIFICAÇÃO

As mobilidades da elite se apresentam enquanto um valioso prisma de análise de uma minoria que, de outro modo, continuaria secreta e inacessível. O que o *mobilities turn* revela é uma outra dimensão de desigualdade social: a mobilidade de poucos depende da imobilidade de muitos. Mesmo considerando que a mobilidade não é exclusividade de poucos, a maneira conspícua que os *globals* – como Zygmunt Bauman cunhou – se movem física, virtual e simbolicamente reitera as diferenças. No entanto, a obra não se detém a discriminar quem é elite ou quem não é, mas, sim, busca identificar os diferentes tipos de mobilidades através de diferentes geografias.

Independentemente de quantas casas decimais a fortuna do indivíduo está avaliada e quão etéreos são os mundos que ocupa, ele continua se movendo de um ponto a outro. Aqueles cujas formas de mobilidade estão estrangidas à condição socioeconômica modesta testemunham os vestígios das mobilidades da elite: os jatos executivos na pista de pouso, carros luxuosos pelas ruas da cidade, os espaçosos trens de primeira classe, helicópteros aterrissando nos heliportos de arranha-céus, ou os super iates ancorados nos portos.

No capítulo 8, Matilde Córdoba Azcárate, Ana García de Fuentes e Juan Córdoba Ordóñez analisam o desenvolvimento do turismo de luxo em Yucatán, no México. O artigo “The uneven pragmatics of ‘affordable’ luxury tourism in inland Yucatán (Mexico)” explora a transformação de um meio de hospedagem decadente, Hacienda Temozón Sur, em um economicamente acessível hotel de luxo. Os autores apontam que essa transformação tende a escamotear uma realidade

de inequidade social e segregação espacial na península mexicana. Além disso, o estudo oferece a oportunidade de observar como o estilo e a arquitetura da elite – performados pelos novos empresários mexicanos – influenciam outras classes através de práticas sociais concretas e arranjos materiais.

Mike Featherstone é o autor do sexto capítulo do livro: “Super-rich lifestyles”. Certamente, é o capítulo que tem os objetivos mais ambiciosos: examinar a recente ascensão deste novo grupo de ricos e super-ricos e tentar lançar alguma luz sobre o seu *modus operandi*, examinando seus estilos de vida, espaços de convivência, atividades de consumo, ações de caridade, esforços para a manutenção da riqueza e padrões de investimento. Featherstone consegue cotejar todos esses pontos e oferece um mapa para entender um pouco melhor as realidades dessa elite.

O capítulo 10 – “‘This is not me’: Conspicuous consumption and the travel aspirations of the European middle class” – assinado por um dos editores do livro, Javier Caletrío, explora a mesma questão por outro viés. A partir de uma pesquisa realizada com 92 europeus no mediterrâneo espanhol, Caletrío tentou averiguar a ideia apresentada na obra centenária de Veblen (2005), de que a elite influencia nas aspirações e desejos da classe média. O objetivo era analisar a relação entre os ricos e a classe média, focando em como o consumo conspícuo molda as noções de normalidade e excesso nos padrões de viagem. Contrariando as hipóteses, Caletrío aponta que, para a maioria dos entrevistados, as aspirações de viagens de lazer são inspiradas menos pela reclusão da elite em *lounges* de primeira classe, ilhas privadas, mega iates e hotéis luxuosos e mais pelo ideal cosmopolita de um mundo de mobilidade democrática persuasivamente transmitido pela mídia global. A frase do título, *This is not me* (Isso não sou eu), é a resposta enfática de um dos três-terços dos entrevistados que não se sentem atraídos pelo estereótipo sedutor das viagens de lazer da elite.

## **SUPERINCLUSÃO**

Os *poucos* são intercalados, emaranhados e superincluídos nos *commons*, movendo-se rapidamente para dentro e fora dos espaços públicos, privatizando e fazendo uso deles, ao invés de serem exteriores a eles (p. 3). Ao invés de sugerir que os *poucos* vivem à margem da sociedade, segregados, os editores afirmam que esse grupo está superincluído na sociedade, inclusive escolhendo estarem visíveis ou não.

Malene Freudendal-Pedersen tenta investigar em “Tracing the super-rich and their mobilities in a Scandinavian welfare state”, décimo primeiro capítulo do livro, a razão de os super-ricos e suas mobilidades estarem relativamente ausentes das

pesquisas dinamarquesas e do imaginário da população. Freudental-Pedersen destaca que os super-ricos na Dinamarca vivem em discretos, reclusos e globalizados círculos sociais. Não significa, no entanto, que esses estejam excluídos do resto da sociedade. Muito pelo contrário: eles ditam as regras desse jogo, se estão nessa situação é justamente por prezarem pelo anonimato e discrição. A pesquisa demonstra que os movimentos dos *poucos* forçam uma redefinição das práticas sociais, de modo a perpetuar suas mobilidades sem comprometer a sua facilidade, independentemente do sabor do sistema social ou do governo.

O capítulo 7, “The ease of mobility”, reitera tal perspectiva. Shamus Rahman Khan propõe uma reflexão acerca de uma transformação na cultura da elite devido a uma melhora em sua mobilidade física. A pesquisa de Khan é realizada dentro de escolas particulares – em suas palavras – privilegiadas. A facilidade da mobilidade, à que o título se refere, diz respeito a uma capacidade desenvolvida para navegar em uma gama diversificada de instituições sociais. O autor sugere que a elite deixou de ser esnobe para ser onívora, a analogia aponta que eles optam por traços culturais que lhe garantem maior permeabilidade em diversos grupos sociais em detrimento de traços culturais distintivos que fixavam seu lugar na sociedade.

Thomas Birtchnell, um dos editores, na companhia de Gil Viry e John Urry, dissertam sobre uma elite que se constitui a partir do que chamam de terceira revolução industrial. “Elite formation in the third industrial revolution” explora a corrida por patentes relacionadas a impressão 3D por um viés bastante peculiar e útil para os estudos no campo: a rede de relações que esses atores criam, mantém e alimentam. A pesquisa se fundamenta em criteriosas e sistemáticas análises das patentes, o que reitera o quanto as metodologias de pesquisas nessa área precisam ser inventivas, como apontam Lury e Wakeford (2012).

## SIGILOS

As pesquisas sobre a elite pressupõem encarar o sigilo e as ausências como parte da episteme. *Elite mobilities* se esforça para trazer à tona os segredos dos *poucos* e iluminar as mobilidades sombrias de finanças, recursos e pessoas. Os editores afirmam que essas informações são incrivelmente vastas, porém não observáveis através dos instrumentos atuais.

No capítulo 2, “Elsewhere: Tracking the mobile lives of globals”, Anthony Elliot examina detalhadamente alguns aspectos da vida performática dos *globals*, em um cenário de recentes mudanças radicais para as economias, identidades e culturas nacionais. A partir de um estudo teórico e empírico de cinco anos, Elliott cria a figura do Mr. X, uma mistura entre dois dos seus setenta e cinco entrevistados,

cujas rotinas possibilitam refletir acerca dessa realidade. Elliot faz questão de extrapolar a compreensão acerca da mobilidade enquanto mero movimento corpóreo, compreendendo-a como um sistema complexo que envolve comunicação e redes.

John Urry, em “The super-rich and offshore worlds”, décimo segundo capítulo do livro, apresenta um outro olhar acerca da diluição das fronteiras e dos fluxos de dinheiro, pessoas, ideias, imagens, informações e objetos. Embora tais fluxos sejam comumente interpretados como econômica, política e culturalmente benéficos, Urry aponta alguns fluxos não desejados desse mundo globalizado:

[...] terroristas, riscos ambientais, mulheres traficadas, traficantes de drogas, criminosos internacionais, mão-de-obra terceirizada, negociantes de escravos, requerentes de asilo, especuladores imobiliários, trabalhadores contrabandeados, riscos financeiros e rendimentos não tributados (URRY, 2013, p. 227, tradução do autor).

São justamente sobre rendimentos não tributados e os paraísos fiscais que Urry se debruça neste artigo. *Offshoring*, como a evasão de impostos é chamada, envolve o movimento de recursos, práticas, pessoas e capitais de um território nacional para outro, porém escondendo-os com sigilosas jurisdições e movendo por rotas que são parcial ou completamente ocultas. Urry afirma que esses sigilos são consequência de um mundo sem fronteira: um mundo sem fronteiras que gesta novas fronteiras e novos sigilos. Novas fronteiras são regularmente criadas e vigiadas. Segundo ele, um mundo sem fronteiras é, paradoxalmente, um mundo de sigilos.

## RESQUÍCIOS

Em uma perspectiva comparativa, os estudos sociais acerca da elite são poucos, enquanto aqueles sobre os membros das demais camadas socioeconômicas se multiplicam rapidamente. Retorna-se, então, ao problema da metodologia: como abordar tal grupo? Os editores apontam como a utilização dos métodos de pesquisa tradicionais estão fadados ao fracasso pelos mais diversos motivos: dificuldade em obter aprovação ética; as cartas e e-mails são sistematicamente ignorados; as perguntas são friamente analisadas e editadas; questionários consomem muito tempo; acesso aos espaços pode não ser conseguido; falta de espaço na agenda; informações censuradas durante a pesquisa; amostras muito pequenas para se construir generalizações; dificuldade em se garantir anonimato; custos de viagem para uma observações aproximada são altos demais.

Para ilustrar tais questões, os editores aludem ao filme *007 contra Goldfinger* (1964). A trama é construída em cima de várias mobilidades da elite, desde uma partida de golf em Buckinghamshire a uma perseguição de carro na Suíça. O herói interpretado por Sean Connery desvenda o secretíssimo esquema de contrabando de ouro do vilão, justamente a partir dos resquícios de sua vida móvel. A cena final se desenrola no jato particular do vilão, do qual ele é ejetado e voa para sua morte, enquanto o herói escapa com seu paraquedas. Sagazmente, os editores comentam: “Nós todos gostaríamos de conduzir nossas pesquisas assim, mas os comitês de ética, reitores, supervisores acadêmicos e gestores de risco dificilmente aprovariam” (p. 14). Mesmo sem saídas espetaculares de jatos particulares, as pesquisas sobre a elite demandam um senso investigativo digno do MI6: elas se apoiam nos detalhes, em questões transversais ao que seria o problema principal, mas que acabam dizendo muito sobre eles.

O movimento intenso dessa elite acaba por deixar resíduos, e os ditos métodos móveis focam justamente nisso. Os editores comparam os pesquisadores com os jornalistas que vasculham o lixo das celebridades para tentar desvendar seus segredos sujos.

## ÚLTIMOS APONTAMENTOS

Os dois últimos capítulos do livro são poderosas análises da obra em si e também das pesquisas nessa área. Mimi Sheller assina o décimo-terceiro capítulo do livro: “Epilogue: the bodies, spaces and tempo of elite”. Além de revisitar alguns dos pontos levantados ao longo do livro e promover um debate com os demais autores, Sheller aponta algumas áreas que ainda carecem de pesquisas: 1) a esfera política, e as formas em que as mobilidades da elite se cruzam e interagem com regimes de mobilidade dos países; e 2) as mobilidades ilícitas das economias sombrias, o que ela propõe chamar de narcomobilidades. São dois tópicos bastante complexos e necessitam de maior atenção e coragem por parte dos cientistas sociais.

Por fim, Andrew Sayer é o autor do posfácio do livro, “Elite mobilities and critique”. Além de afirmar que é fundamental saber sobre os ricos e seus estilos de vida, mobilidades e gastos, Sayer defende uma abordagem mais crítica e que inclua, prioritariamente, investigar como os ricos conseguiram o seu dinheiro. O autor descreve – e, de certa maneira, desconstrói – algumas possibilidades para o enriquecimento astronômico. A primeira delas é o investimento. Por mais que a palavra evoque uma aura positiva, Sayer estabelece claras diferenças entre investidores e especuladores.

A segunda possibilidade desse enriquecimento seria o que ele chama de “o rico trabalhador” (*the working rich*). Seria ingenuidade imaginar que as fortunas são um simples reflexo de algum tipo alta produtividade e eficiência. Segundo o autor, *the working rich* é um tipo de eufemismo legitimador que as pesquisas nessa área deveriam desmascarar.

A terceira possibilidade seria o “*high net worth individuals*” (indivíduos de alto valor líquido, literalmente), termo usado por agências e segmentos financeiros para classificar os ricos com mais de um milhão de dólares. Sayer é bem crítico em relação ao uso do termo, pois, segundo ele, é descaradamente ideológico e os acadêmicos que se prezam só devem utilizá-lo em notas de repúdio.

*Elite mobilities*, ainda não publicado no Brasil, é uma obra necessária tanto para os estudos das mobilidades quanto para ajudar a preencher lacunas no que diz respeito às pesquisas acerca das elites. A obra ajuda a sublinhar a notabilidade do Paradigma das Mobilidades: refletir sobre a maneira única e dispendiosa que a elite se move física, social e simbolicamente pelo mundo é ao mesmo tempo atentar para o alargamento da inequidade social. O livro reitera a ideia de que a vida móvel desses poucos depende do regime de imobilidade de muitos, demonstrando o quanto, nesses tempos, o movimento é também símbolo de distinção social. Nesse sentido, é de total importância atentar para a existência de uma rede de pessoas que trabalha para que *os poucos* possam se mover pelo globo com o mínimo de atrito.

Todos os artigos do livro apontam o quanto as mobilidades da elite são excessivas e dispendiosas. Com as questões ambientais estando cada vez mais em evidência, é possível que haja uma transformação no julgamento moral da vida móvel. Percebe-se também o quanto tais pesquisas estão centradas na Europa e na América do Norte. Ainda que as pesquisas com a elite sejam extremamente difíceis, seria pertinente analisar os multimilionários e a plutocracia no hemisfério sul.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÜSCHER, Monika; URRY, John.; WITCHGER, Katian. *Mobile Methods*. Abingdon: Routledge, 2011.
- CARLTON, Eric. *The Few and the Many*. Farnham: Ashgate, 1996.
- LURY, Celia & WAKEFORD, Nina *Inventive Methods: The Happening of the Social*. Abingdon: Routledge, 2012.
- URRY, John. *Mobilities*. London: Polity, 2007.
- VEBLEN, Thorstein. *Conspicuous Consumption*. London: Penguin, 2005.

---

Recebido para publicação em: 26/08/2016. Aceito para publicação em: 18/09/2016.